

De olho no futuro

Caro Reitor, minha amiga Maria Arminda, meu caro Fabio e Secretária de Estado, Ana Estela Haddad, por meio da qual gostaria de cumprimentar todos neste auditório e os que nos seguem pela internet.

Quando a IA começou a decolar, alguém no Vale do Silício sugeriu que o software estava comendo o mundo corporativo. Esqueceu, porém, de alertar que a IA, dado seu poder disruptivo, estava mudando também o menu, ao alterar o mercado de trabalho e todo o ambiente econômico, científico, político e social.

A diferença da IA de outras tecnologias críticas está na velocidade, no alcance e na sua flexibilidade. Pela primeira vez na história uma tecnologia consegue reduzir drasticamente o custo da cognição. Com isso, substitui não somente músculos, mas entra em áreas até há pouco consideradas de monopólio humano.

A força da IA é tanta que obriga a humanidade a renegociar seus pactos, acordos e hábitos para se adaptar e sobreviver ao seu curso. Governos, empresas e universidades procuram se reinventar, porque a IA penetra em todas as áreas e cantos escondidos da atividade humana e questiona as práticas existentes.

Na verdade, estamos em meio a uma mudança de época, provocada por uma tecnologia que é muito mais do que uma ferramenta, pois altera nosso modo de vida, provoca mudanças na geopolítica e nas relações sociais. E se tornou imprescindível para gerar novas tecnologias, essenciais para a pesquisa científica e para países como o nosso, que procuram superar mazelas sociais históricas, pela tibieza tecnológica e por enormes desigualdades.

Não nos move o deslumbramento diante de uma nova tecnologia. Tampouco somos neo-luditas que veem o apocalipse no horizonte. Recusamos esses extremos com as armas da crítica, inscritas no próprio DNA da USP.

Tampouco somos adeptos do determinismo tecnológico, que acredita que a lógica da tecnologia se sobrepõe à sociedade. Pensamos o contrário. O curso da IA está em disputa e há vários caminhos que podem ser seguidos, com implicações diferentes para a vida da população, especialmente para a parcela mais vulnerável. Uma IA responsável não substitui, mas amplia a ação e o pensamento humano.

Temos certeza que nenhum país, governo ou universidade pode se dar ao luxo de prescindir ou minimizar a IA. Riscos éticos, de transparência, de viés, de desinformação existem, assim como são fortes os sinais de impacto negativo no trabalho e na democracia. Mas, se depender da Cátedra, serão enfrentados a cada instante, com propostas de regulação que podem perfeitamente equilibrar segurança da sociedade com inovação.

As dificuldades do Brasil para dominar a IA acionam nosso senso de urgência. Porque precisamos aprender, absorver e desenvolver a IA rapidamente. A USP pode avançar muito na massificação da pesquisa em IA, no estímulo aos jovens estudantes e na formação de profissionais qualificados.

Por isso fomos ao Google, uma das principais lideranças globais de IA. Que é uma instituição de natureza distinta da universidade, mas que se mostrou aberto ao diálogo, a interações e na ampliação do investimento no Brasil. USP e Google podem ajudar o país a avançar no domínio da IA.

É possível que surjam diferenças, claro. Mas o que nos anima é a disposição de superá-las, com base no diálogo permanente e no respeito mútuo.

A Cátedra nasce com esse espírito. Nós não temos condições de desenhar novos algoritmos. Mas podemos encontrar quem é capaz. Reunimos na Cátedra gente de qualidade, com experiência de sobra em políticas públicas e com fortes passagens por instituições de formação e fomento à ciência e tecnologia. Queremos trabalhar a regulação, o mercado de trabalho, a segurança dos sistemas, sempre abertos ao debate e à busca de evidências.

Não foi à toa que convidamos o prof. Carlos Américo Pacheco para ser o maestro desse esforço. Engenheiro do ITA, professor de economia, secretário executivo do MCT, reitor do ITA, presidente do Cnpem e por nove anos Diretor presidente da Fapesp. Certamente ele não é um

programador. Mas conhece como ninguém o sistema de C&T, sabe fazer networking e tem a virtude de agregar pessoas.

Dois pequenos destaques. O primeiro é que ele tem segredos que só um chatbot conseguiu descobrir. Pacheco gosta de anunciar que sua alma mater é a Unicamp. Mas descobrimos que prestou vestibular e – e entrou – em Física na USP.

O segundo, é que ele se apresenta como professor aposentado da Unicamp. Não acredito em aposentadoria de pessoas como o Pacheco. Ele é feito de um material que precisa de movimento: se parar, vai mofar.

Neste momento, tenho a honra de passar a palavra para o Prof. Carlos Américo Pacheco.